



Artigo original

INVESTIGANDO O IMPACTO DOS RITOS DE INICIAÇÃO NO ACESSO À EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES: O CASO DA ALTA ZAMBÉZIA

**Nilza A.T. César, Eugénia F. R. Cossa, Domingos C. Buque,
Egídio R. Chilaule e Quitéria M. Mabasso.**

Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique

RESUMO: Este artigo resulta de um estudo realizado com o objectivo de investigar o impacto dos ritos de iniciação no acesso à educação e formação de crianças e adolescentes, particularmente da rapariga. Especificamente, o estudo visava identificar os ensinamentos dos ritos de iniciação, o modo como estes são abordados e verificar a sua influência no acesso e continuidade da rapariga na escola. O estudo decorreu em cinco distritos da Província da Zambézia, nomeadamente, Alto Molócuè, Guruè, Gilé, Ile e Namarrói. Em cada distrito foi seleccionada uma localidade por conveniência. Sendo um estudo etnográfico, foram administradas entrevistas qualitativas com os informantes chave e aplicado um guião de observação. Os resultados do estudo sugerem não haver influência directa dos ritos de iniciação no acesso à educação por parte de rapazes e raparigas, ainda que persistam alguns problemas relativamente à frequência e retenção de alunos na escola. O estudo recomenda que se melhore a coordenação entre as autoridades da educação e as autoridades locais para reverter o cenário caracterizado pela baixa assiduidade e abandono escolar dos alunos.

Palavras-chave: ritos de iniciação, acesso à educação, retenção, abandono escolar.

INVESTIGATING THE IMPACT OF THE RITES OF INITIATION ON ACCESS TO EDUCATION AND TRAINING OF CHILDREN AND TEENAGERS: THE CASE OF ALTA ZAMBÉZIA

ABSTRACT: This article results from a study carried out with the aim of investigating the impact of the rites of initiation on access to education and training of children and teenagers, particularly girls. Specifically, the study aimed at identifying the lessons from the initiation rites, the way the lessons are taught and verify its influence in the girls' access to school and continuity. The study took place in five districts of the Zambézia Province, namely, Alto Molócuè, Guruè, Gilé, Ile and Namarrói; in each district was selected one locality by convenience. As an ethnographic study, qualitative interviews were administrated with key informants, and an observation schedule applied. The results of the study suggest that there is no direct influence from the rites of initiation in boys' and girls' access to education even though the problems related to pupils schools attendance and retention persist. The study recommends the improvement of the coordination between the educational and local authority to revert the scenario characterized by low assiduity and school drop out by the pupils.

Keywords: rites of initiation, access to education, retention, school drop out.

Correspondência para: (correspondence to:) nilza.cesar@uem.mz

INTRODUÇÃO

Este artigo resulta de um estudo etnográfico realizado no âmbito de uma parceria entre a Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Eduardo Mondlane (UEM) e a OXFAM-GB, sobre os ritos de iniciação e acesso à educação na Província da Zambézia, especificamente nos distritos de Alto Molócuè, Guruè, Gilé, Ile e Namarrói, situados no extremo norte desta província, região comumente designada por “Alta Zambézia”.

Desde cedo que os ritos de iniciação despertaram o interesse de antropólogos. Brown (1963) conduziu um estudo transcultural sobre os ritos de iniciação feminina, que incluiu 75 sociedades de África, Ásia e América, com o objectivo de responder a duas questões que, na sua óptica, ainda não tinham sido abordadas em estudos anteriores como os de Van Gennep (1909), Frazer (1993), Grabley (1927), Benedict (1946) e Read (1960), a saber: (i) por que os ritos de iniciação são observados em algumas sociedades e outras não? (ii) como se pode explicar a variação dos ritos de iniciação feminina de uma sociedade para a outra?

Brown (1963) começa por definir os ritos de iniciação como eventos cerimoniais prescritos, obrigatórios para todas as raparigas de uma dada sociedade e celebrados na idade entre os oito e os vinte anos de idade. Refere que os etnógrafos têm enfatizado o papel educacional dos ritos, atribuindo-lhes o mesmo valor atribuído à escolaridade que as crianças ocidentais recebem, em virtude de uma variedade de ritos conter momentos instrutivos e ou de aferição de competências do iniciado. Sobre o valor educacional dos ritos, Ratilal (1999), cujo estudo é sobre Moçambique, anota que as raparigas aprendem de mulheres idosas, que podem ser da sua família ou não, sobre a menstruação, as regras de higiene, o comportamento diante do futuro marido, o

papel de esposa, incluindo lições do que fazer para a satisfação sexual do marido. As duas autoras são convergentes quanto ao marco para a iniciação da rapariga, isto é, com o aparecimento da primeira menstruação.

Em seu estudo, Brown (1963) conclui que:

- (i) Nas sociedades em que as mulheres têm um papel preponderante nas actividades de subsistência celebram-se os ritos de iniciação feminina como uma forma de preparar a menina e garantir a sua competência no cumprimento das suas futuras obrigações. Neste sentido, Ratilal (1999) anota que os ritos de iniciação não têm lugar em todas as províncias do país, sendo mais comuns nas zonas rurais do que nas urbanas e que as raparigas normalmente são iniciadas na sua zona de residência.
- (ii) Existem poucos ritos de iniciação feminina que sujeitam a iniciada à extrema dor. Tais casos ocorrem em sociedades em que as condições na infância resultam dum conflito de identidade sexual. Estas cerimónias femininas caracterizadas pela dor também se relacionam com os ritos de iniciação masculinos caracterizados tanto pela circuncisão quanto pelo isolamento. Ratilal (1999) exclui a ocorrência de práticas de ablação do clítoris em ritos de iniciação em Moçambique, admitindo a circuncisão como uma prática comum, sendo que os rapazes são isolados no mato onde passam por provas duras para ganharem coragem e resistência física.

No presente estudo, os ritos de iniciação, enquanto prática cultural, são conceptualizados de acordo com Rangel (1999), como sendo aqueles que desempenham um papel importante na passagem da infância para a

idade adulta. Os mesmos são associados aos processos de socialização e educação das crianças e adolescentes, cujo objectivo é a sua preparação para a vida adulta. Estes processos requerem de cada sociedade um conjunto de práticas sociais associadas às referências culturais em vigor, que implicam a escolha de estratégias e objectivos em relação à pessoa que se pretende formar. Segundo a autora, o que se considera ser adulto nas sociedades estratificadas difere da concepção que se tem do ser adulto numa sociedade não estratificada. A seu ver, nas sociedades estratificadas, como é o caso das sociedades capitalistas, os adultos para além de serem homens e mulheres devem ser cidadãos com maior ou menor poder de interferência política, que exerçam profissões variadas, com poder aquisitivo diferenciado pelo facto de pertencer a uma determinada classe social. Em sociedades não estratificadas em classes, como é o caso das sociedades indígenas, os adultos serão homens e mulheres em pleno exercício de suas funções sociais, produtivas e reprodutivas. No último caso, o modelo de sociabilidade baseia-se na correspondência entre o ciclo da vida e as funções e papéis exercidos pelos indivíduos, fazendo com que as etapas etárias como a infância, a maturidade e a velhice equivalham a posições sociais bem definidas (RANGEL, 1999, p. 147).

Apesar de Moçambique ser um país multicultural em que a maioria das pessoas passa pelos ritos de iniciação ao longo da sua vida, poucos estudos têm sido realizados com vista a compreender melhor o fenómeno e a sua associação com, por exemplo, o sucesso escolar de raparigas e rapazes, as restrições no acesso à educação, a mortalidade materno-infantil ligada a casamentos e gravidezes precoces, a violência baseada no género, particularmente a violência doméstica, o não empoderamento da mulher, o HIV/SIDA, etc. (MARIANO, 2009).

É neste contexto que se realizou a pesquisa almejando o desenvolvimento de uma compreensão profunda em termos de prevalência dos ritos de iniciação, causas, impacto e estratégias de modo a sugerir mudanças no desenvolvimento de práticas e formulação de políticas na educação de crianças e adolescentes com particular destaque para a rapariga.

De acordo com Cipre (1996), os ritos de iniciação como um mecanismo de socialização, são, por um lado, de grande importância para a organização da vida da pessoa iniciada e sua inserção na vida comunitária. Por outro, a passagem do rapaz ou da rapariga pelos ritos de iniciação confere-lhe, segundo Alfane (1995), o reconhecimento como ser humano socialmente completo e devidamente integrado no seu meio social, encontrando-se em condições de cumprir com o seu papel de homem e de mulher. Por conseguinte, processa-se a ascensão à categoria de adulto através das cerimónias iniciáticas.

A socialização é aqui entendida como sendo “o processo através do qual o indivíduo aprende e interioriza o sistema de valores, de normas e de comportamentos de uma determinada cultura” (MAIA, 2002, p. 350). A socialização não só permite uma estabilidade comportamental, através da interiorização de normas e valores, como também promove a coesão e integração entre os membros de um grupo determinado (MAIA, 2002).

Durante o processo de socialização, inculcam-se ao indivíduo categorias de pensamento e um sistema de ideias, crenças, tradições, valores morais, profissionais ou de classe dos quais alguns são irreversíveis e outros, pelo contrário, mudam em função de novas aprendizagens e de situações vividas (CHERKAoui, 1986).

O estudo adoptou a definição de Alfane (1995, p. 25), segundo a qual ritos de iniciação são “as cerimónias rituais que celebram a passagem das crianças da infância ou adolescência para a idade adulta através de instruções sobre as tradições, instituições, ritos e segredos da comunidade em que elas pertencem, no geral, e, da sua linhagem ou clã, em particular”. No contexto da Alta Zambézia, a concepção do que é ser adulto está em conformidade com aquela descrita por Rangel (1999, p. 147) ao se referir aos adultos como sendo homens e mulheres em pleno exercício de suas funções sociais, produtivas e reprodutivas.

Vários estudos apresentam descrições diversas dos ritos de iniciação, que assumem formas e nomenclaturas variadas conforme o contexto do grupo étnico ou comunidade que as praticam, embora conservem algumas semelhanças, que, na perspectiva de Junod (1996), constituem o traço geral que caracteriza os ritos de iniciação:

- (i) Os ritos de separação, que simbolizam a separação do antigo estado de coisas. A fase da separação marca o fim de um período de tempo social e simboliza o afastamento, do indivíduo ou do grupo, de uma posição na estrutura social ou de um conjunto de condições culturais. Neste contexto, os iniciandos são arrancados do seu mundo anterior e dele são segregados como se tratasse de uma morte simbólica;
- (ii) O período de margem, em que o indivíduo ou grupo é separado da sociedade e submetido a um certo número de tabus e ritos. Este constitui um período de tabu durante o qual o neófito (iniciando) já não tem o *status* anterior nem um novo. Nesta fase

de transição, o iniciando apresenta características ambíguas, possuindo poucos ou quase nenhuns dos atributos do passado nem do futuro. Não desempenha qualquer papel na sociedade e está completamente isolado das condições normais de existência; e

- (iii) Os ritos de agregação, que se traduzem na recepção dos indivíduos na comunidade como seus membros regulares. Este é, segundo o início de um novo período do tempo social, o que significa que o recém iniciado volta de novo a um estado relativamente estável e passa a ter direitos e obrigações claros perante a comunidade. A expectativa que se tem do recém iniciado é que se comporte de acordo com as normas e padrões da comunidade. Desta forma simbolicamente ressuscita e torna-se membro efectivo da sua comunidade (MEDEIROS, 2007).

A ideia segundo a qual os ritos de iniciação constituem uma educação tradicional e marcam a transição de uma fase da vida (infância ou adolescência) para uma outra fase ou estágio da vida (a vida adulta) é consensual (CIPIRE, 1996; JUNOD, 1996; RATILAL, 1999 e OSÓRIO, 2008).

Os ritos de iniciação, entanto que educativos, veiculam e transmitem aos iniciados ensinamentos ligados à sexualidade, comportamento em sociedade, desempenho de papéis sociais específicos, e relacionamento com os outros através de adágios, provérbios acompanhados de canto e dança (CIPIRE, 1996 e RATILAL, 1999).

Contudo, os ritos de iniciação carecem ainda de reflexão sobre o seu conteúdo. Tanto Osório (2008) quanto Gasperini (1989) reconhecem a importância dos ritos de iniciação, mas apontam alguns factores

que, na óptica de Osório (2008), deviam ser revistos. Para esta autora os ritos “ensinam que ser mulher é ser ausente enquanto sujeito”,... é ser “para o outro”, (...) é “pacientar” a vida”. Depreende-se desta passagem que há um sair de si da mulher para viver o que os outros querem que ela seja, submetendo-se a qualquer situação, já que tem que “pacientar”. Contudo, FÓRUM MULHER/SARDC WILDSAA (2006, p. 33) advertem que nas últimas duas décadas práticas como as dos ritos de iniciação “perderam muito da sua natureza espiritual e educacional” como resultado, por exemplo, de por conferirem adulez aos iniciados, estes passarem a não respeitar da mesma forma os mais velhos, o papel dos pais e dos tios.

Gasperini (1989) faz ver que certos aspectos da tradição tribal, incluindo os ritos de iniciação e casamentos prematuros dos jovens, contribuem também para acentuar os fenómenos de abandono da escola e das repetições de ano.

Os resultados do estudo de Gasperini (1989) estão em harmonia com Osório (2008) e enfatizam que durante toda a infância e nos ritos de iniciação se ensina à rapariga que se deve submeter à vontade do homem, sendo socialmente condenável qualquer atitude de resistência, por um lado. Por outro, encoraja-se o rapaz a desenvolver uma atitude de superioridade e mesmo de desprezo pelo sexo oposto. Consequentemente, o rapaz dispõe de mais tempo para as brincadeiras do que a rapariga e nos seus jogos há evidências de incentivo de demonstrações de força, criatividade, coragem e autonomia. Vai à caça, à pesca e ajuda a família, principalmente no pastoreio do gado caprino e bovino. Já a menina ajuda nas tarefas domésticas tipicamente femininas: vai à busca de água e lenha, vai à machamba e cuida dos bebés desde muito pequena.

Segundo Osório (2008), o impacto negativo dos ritos de iniciação deu azo a que o Estado Moçambicano procurasse soluções tais como, por um lado, harmonizar o calendário escolar com as cerimónias de iniciação, e, por outro, retirar a aprendizagem sexual dos ritos, pela sua carga negativa. Mas tudo o resto se mantém, por exemplo, o ensino da submissão aos adultos, o não questionamento às imposições dos mais velhos ou com estatuto superior, que é bom estudar, mas o melhor é ter marido, casa e filhos.

O facto de o sistema educativo harmonizar o calendário escolar às cerimónias de iniciação leva a duas interpretações: (i) a valoração cultural que o Estado lhes confere, isto é, em que o Estado pode estar a mostrar que aceita os conteúdos/valores transmitidos nos ritos de iniciação. Na verdade, a maioria das pessoas, seja através dos ritos de iniciação ou não, aprende a submeter-se aos mais velhos não questionando as imposições dos mesmos; a mulher é aconselhada a submeter-se ao marido. Consequentemente, as pessoas interiorizam estes ensinamentos, podendo achar correcto dar continuidade aos mesmos; (ii) com a harmonização nos moldes descritos por Osório (2008), o Estado pode estar a acautelar-se de uma possível resistência que encontraria se quisesse que fossem os ritos a harmonizarem se ao calendário escolar.

O papel reprodutivo e produtivo da mulher e a submissão ao marido é o que os ritos de iniciação realçam, embora tendam a modernizar-se, uma vez que deixaram de ser cerimónias mais complexas e dolorosas passando a ser mais simples. Isto significa haver um processo gradativo de revisão do currículo dos ritos. Contudo, ainda se mantém que “as meninas aprendem que existem para servir: na cozinha, na cama e na machamba” (OSÓRIO, op. cit.).

Com base no quadro teórico acima descrito, pretende-se com este artigo explorar a relação entre os ritos de iniciação e o acesso à educação e formação de crianças e adolescentes, particularmente da rapariga discutindo de forma específica a influência dos ritos de iniciação no acesso e retenção da rapariga na escola. Parte-se do pressuposto de que os valores transmitidos através dos ritos de iniciação influenciam o acesso à educação, bem como a retenção dos rapazes e das raparigas na escola, na medida em que a passagem pelos ritos de iniciação confere-lhes um novo estatuto social e espera-se que a criança - que se tornou adulta através dos ritos - seja um membro activo e contribuinte da sua comunidade limitando assim a sua disponibilidade para frequentar e manter-se na escola.

METODOLOGIA

Esta pesquisa foi orientada por uma abordagem qualitativa em que utilizaram-se entrevistas e guião de observação. Estes métodos permitiram aos pesquisadores obter uma melhor compreensão e um olhar holístico do fenómeno em estudo através da interacção com os informantes no local (CRESWELL, 2003). A pesquisa foi realizada em cinco Distritos (Alto Molócuè, Guruè, Gilé, Ile e Namarrói) envolvendo um universo de 58 localidades. Deste universo foi seleccionada, por conveniência, uma amostra de cinco localidades, uma em cada Distrito, nomeadamente, Tetete, Mudine, Namanda, Chapala e Mamala. A selecção das referidas localidades justifica-se pelo facto de a programação dos ritos de iniciação ter coincidido com a realização do trabalho de campo. Em cada uma das cinco localidades foi também seleccionada uma escola do Ensino Primário Completo (EPC), perfazendo um total de cinco. A selecção das escolas foi feita também por conveniência. A opção por este tipo de amostra deveu-se à acessibilidade dos informantes em termos de localização e

disponibilidade (COHEN *et al.*, 2000) Os critérios de selecção da escola em cada localidade tiveram em conta a localização geográfica (proximidade das principais vias de acesso) e níveis de ensino leccionados (Ensino Primário do 2º Grau ou Ensino Secundário Geral do 1º Grau). Os critérios da selecção das localidades tiveram em conta:

- a) Localidades que conservam ao longo do tempo as práticas tradicionais relativas às cerimónias dos ritos de iniciação;
- b) Localidades cujas práticas relativas às cerimónias de iniciação sofreram modificações ao longo do tempo; e
- c) Localidades cujas práticas relativas aos ritos de iniciação são orientadas por líderes religiosos.

Dada a diversidade da população em estudo e a natureza qualitativa da pesquisa, usou-se a amostra não-probabilística pois os informantes deste estudo foram escolhidos seguindo determinados critérios tais como: localização geográfica das escolas, idade, sexo, nível de escolaridade (EP2 e ESG1) e o ter sido iniciado (RICHARDSON, 1999). Portanto, nem todos os alunos tiveram a mesma probabilidade de ser escolhidos para participar do estudo. Assim, num universo de 45.770 alunos dos cinco Distritos, foram entrevistados 78 alunos, dos quais 59 raparigas e 19 rapazes, com idades compreendidas entre 11 e 16 anos. Em relação aos outros informantes chave, foram entrevistados 19 matronas, 8 madrinhas, 4 mestres-de-cerimónia, 4 conselheiros, 16 professores (8 professoras e 8 professores), 2 membros dos conselhos de escola, 11 líderes religiosos e 5 régulos. A selecção de rapazes e raparigas dentro da escola observou os seguintes critérios: idade, sexo, nível de escolaridade (EP2 e

ESG1) e o ter sido iniciado. Para a recolha de dados foram administrados três instrumentos, nomeadamente: o guião de entrevistas com alunos, o guião de entrevista com matronas, anciãos, líderes e outros intervenientes nos ritos de iniciação, e o guião de observação. Com vista a garantir a validade e fiabilidade destes instrumentos, foi realizado um estudo piloto. O teste piloto do guião de entrevista com alunos foi conduzido com pessoas que passaram pelos ritos de iniciação e que se mostraram dispostas a partilhar a sua experiência com os pesquisadores. Adicionalmente, para efeitos de validação da linguagem, estrutura e conteúdos, todos os instrumentos de pesquisa foram submetidos à apreciação de alguns académicos estabelecidos na Universidade Eduardo Mondlane, especialistas nas áreas de Linguística e Antropologia e com experiência sobre a matéria em estudo. Assim, na sua análise, os especialistas tiveram em conta a clareza, a pertinência das questões e a capacidade de os instrumentos captarem ou recolherem informação relevante para o estudo. A posterior, o desenho dos instrumentos foi revisto em função da avaliação dos especialistas.

A administração dos instrumentos de pesquisa teve em conta a natureza qualitativa do estudo, baseada em entrevistas com os informantes seleccionados e observação durante a realização das cerimónias dos ritos de iniciação dos alunos das cinco localidades referidos anteriormente. Assim, a recolha de dados foi planificada com base em entrevistas profundas, administradas a alunas e alunos já iniciados e outros informantes chave que pela natureza do seu papel na comunidade são considerados informantes privilegiados, nomeadamente: matronas ou conselheiras, mestres ou conselheiros, madrinhas/padrinhos, líderes comunitários e religiosos, professores, membros dos conselhos de escola. Isto permitiu explorar com profundidade as

narrativas e experiências individuais sobre o processo de cerimónias dos ritos de iniciação para uma melhor percepção do que se ensina às raparigas e aos rapazes e de como estes ensinamentos afectam as futuras relações de poder entre o homem e a mulher bem como o acesso das raparigas e rapazes à educação formal. As entrevistas feitas às matronas, anciãos e guardiães da cultura comunitária permitiram colher sensibilidades e compreender as perspectivas da população/comunidade local sobre os ritos de iniciação e o seu papel na sociedade. Os dados recolhidos através das entrevistas foram gravados em áudio (no caso em que os informantes aceitaram a gravação, e feitas anotações). Os dados resultantes da observação tiveram um registo fotográfico e em vídeo, acompanhados de notas escritas e sempre salvaguardando aspectos éticos, tais como: diálogo com os informantes antes do estudo; informação formal e antecipada aos informantes sobre o estudo; garantia de livre participação no estudo e anonimato das suas respostas; e garantia de os informantes serem os primeiros beneficiários dos resultados da pesquisa, como sugerido por Neuman (2000) e Cohen *et al.* (2000).

A abordagem metodológica utilizada neste estudo conduziu a uma análise fenomenológica, o que permitiu descrever as experiências vividas por vários sujeitos e obter um maior entendimento sobre as diferentes formas como os indivíduos desenvolvem significados das interacções sociais sobre o fenómeno em estudo (CRESWELL, 1998; HOLANDA, 2006; COSSA *et al.*, 2008). Assim, os relatos dos entrevistados foram transcritos e categorizados conforme padrões de respostas semelhantes ou diferentes tendo em conta o objectivo da pesquisa. As respostas que demonstravam ser casos especiais ou únicos em relação à maioria foram também alvo de atenção particular por forma a compreender se o seu alcance em cada uma das categorias. Ademais,

uma abordagem simbólica foi também usada para compreender como é que as pessoas criam significados durante a interação social no contexto de ritos de iniciação, que representam uma fonte substancial do conhecimento local. Os dados das observações foram transcritos e usados para descrever as cerimónias de iniciação, quer os femininos como os masculinos, nomeadamente nos seguintes aspectos: local de confinamento (acampamento), os ensinamentos, a mudança de nome, os cânticos e as danças envolvidos, bem como o banho no rio. Procurou-se não só fazer uma descrição como também extrair os significados das actividades, símbolos e atitudes em conformidade com os objectivos do estudo, das perguntas de pesquisa e das categorias temáticas. De um modo geral, as observações permitiram igualmente a triangulação com certos dados obtidos das entrevistas com vista a aferir desde a sua consistência até a sua veracidade.

As observações das cerimónias de iniciação feminina foram feitas nas localidades de Mudine (Namarroi), Chapala (Alto Molócue) e Namanda (Ile). Os ritos masculinos foram observados em Mudine (Namarroi), Chapala (Alto Molócue) e Mamala (Gilé). Em Mudine os ritos femininos foram observados no mês de Novembro de 2010, durante dois dias e em dois contextos ou situações, envolvendo dois grupos. O primeiro grupo de 8 raparigas encontrava-se na fase inicial dos ritos e, portanto, confinado num povoado relativamente distante da sede da localidade. Entre cantos, danças e demonstrações, as raparigas fazendo-se acompanhar pelas suas madrinhas, recebiam ensinamentos ao ar livre no meio da mata. O segundo grupo de cinco raparigas e as respectivas madrinhas já se encontrava no momento final dos ritos, e estava confinado num cercado feito de palha na sede da localidade, no local onde decorreriam as festividades relativas ao término dos ritos, aguardando a chegada da

noite para o início dos festejos, que só terminaram no fim da tarde do dia seguinte. Em Chapala os ritos femininos foram observados a 26 de Novembro de 2010 e a observação durou um dia. Neste contexto as cinco raparigas encontravam-se concentradas num cercado feito de caniço, anexo a uma casa da povoação e acompanhadas pelas madrinhas e matronas. Cantavam, dançavam, ouviam ensinamentos sobre a forma como deveriam comportar-se em sociedade, na comunidade, no lar e assistiam a representações com temas ilustrando partes do corpo humano e sua funcionalidade. Em Namanda a observação dos ritos durou um dia e foi feita a 25 de Novembro. Um grupo de 8 raparigas e as respectivas madrinhas encontravam-se numa casa anexa ao edifício principal da igreja de que são membros. As matronas orientavam as cerimónias, passando ensinamentos sobre atitudes, práticas e comportamentos a observar na esfera pública (comunidade) e privada (família) através de canto, dança, provérbios e representações.

Os ritos masculinos foram também observados no mesmo período em que foram observados os ritos femininos, com excepção da Localidade de Mamala, no Gilé. Em Mudine, a observação iniciou na manhã de um dia, e se prolongou até ao amanhecer do dia seguinte. Acondicionou-se um local num descampado, onde se construiu uma cabana para os iniciandos que se apresentam vestidos de calções e de tronco nú, com as cabeças rapadas e untadas com farinha de mandioca. Em Chapala, os ritos foram observados em dois dias consecutivos e em Mamala a observação decorreu em Janeiro de 2001. Os ritos de iniciação masculina eram em geral acompanhados de cânticos e danças, simulações e dramatização.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados deste estudo indicam que os ritos de iniciação não constituem de todo

um entrave para o acesso à educação por parte das raparigas e dos rapazes em idade escolar, visto que ocorrem, em geral, no período de férias escolares. No que diz respeito à continuidade, os respondentes reportam casos de abandono escolar por parte de alguns rapazes e raparigas por razões ligadas à motivação dos alunos e das famílias, casamentos, gravidez, trabalho, recursos financeiros, distância casa-escola e vice-versa e algumas práticas dos ritos de iniciação.

De acordo com a maioria dos respondentes, os ritos não influenciam negativamente o acesso à educação por serem realizados normalmente no fim do ano lectivo para evitar que os iniciandos falem às aulas. O período de confinamento no acampamento onde se realizam os ritos de iniciação varia entre uma e duas semanas (ou mais, para o caso dos rapazes, se a cicatrização da circuncisão for para além de quinze dias).

Normalmente as cerimónias de iniciação são realizadas no mesmo período do ano, para o caso daquelas localidades em que o fazem colectivamente, a saber: Mudine, Mamala, Namanda e Chapala. Uma das razões apontadas pelos entrevistados é o facto de não se ter muito tempo durante o período das aulas para a realização dos ritos que requerem um confinamento dos participantes por um período relativamente longo, o que implicaria a ausência dos alunos nas aulas.

Relativamente ao período de realização dos ritos de iniciação, uma aluna entrevistada respondeu nos seguintes termos: *“No fim do ano, nas férias, porque quando [o iniciando] chega lá [ao acampamento] não pode voltar para ir à escola. É preciso ficar lá até sair”* (ALUNA - Chapala, Alto Molocué).

Um outro respondente expressou-se nos seguintes termos: *“Sim, é o mesmo [o período de realização dos ritos]. Porque [os orientadores da cerimónias de iniciação]*

têm medo de atrapalhar as aulas (...) Tem que (...) esperar, então [a escola] nos dar férias [para] depois irmos lá [no local onde decorrem os ritos] ” (ALUNO - Chapala, Alto Molocué).

No entanto, na localidade de Tetete, no distrito do Guruè, em que as cerimónias dos ritos de iniciação são individuais, o período de realização varia, sendo comum que ocorram tanto no período lectivo como no período de férias escolares. O que determina a realização dos ritos nestes períodos é o aparecimento da primeira menstruação, havendo preocupação de se evitar que as alunas falem às aulas. Assim as raparigas vão às sessões de aconselhamento num período diferente daquele em que têm aulas. Contudo, as matronas são de opinião que a rapariga não frequente a escola nos primeiros dias do 1º ciclo menstrual, pois ela ainda não sabe como se cuidar do ponto de vista de higiene pessoal, conforme relatou uma delas:

(...) A criança (...) quando donzela enquanto está na escola ela interrompe por duas semanas [por] decisão dos pais. Os pais vão a escola apresentar o caso e a criança fica em casa para aprender a se cuidar para não se sujar na escola (...) então espera-se que o período passe para ela voltar a escola” (MATRONA - Tetete, Guruè).

Enquanto os ritos de iniciação não exercem uma influência negativa no acesso à educação, relativamente à continuidade da(o) aluna(o) na escola já não se verifica o mesmo. Apesar da tentativa, por parte do Estado Moçambicano, de harmonizar o calendário escolar com o calendário dos ritos (OSÓRIO, 2008), há casos de alunos que faltam aos exames para participar dos ritos. Este atropelo deve-se, segundo os professores, ao facto de existir no seio da comunidade local a percepção de que o fim das aulas é também o fim do ano lectivo e, por conseguinte, o início das férias, como se referiu um dos entrevistados: *“Já fizemos uma reunião com os pais e*

encarregados alertando (...), que o fim das aulas não é o fim do ano” (PROFESSOR – Chapala, Alto Molocué).

Não obstante este cenário, a maioria dos alunos comunga a ideia de que tanto os rapazes assim como as raparigas devem continuar a frequentar a escola após passarem pelos ritos de iniciação, para se tornarem hábeis na literacia e numeracia bem como adquirir uma formação académica e/ou profissional.

As causas do abandono, como foi anteriormente referido, são várias, nomeadamente:

- (i) Motivação dos alunos e das famílias - a inexistência de mulheres, nestas localidades, que tenham construído carreiras de sucesso com base na educação formal e que possam servir de modelos para as raparigas; os professores das escolas visitadas são maioritariamente provenientes de outras regiões do país, o que deixa espaço para se especular que só os residentes dessas regiões reúnem condições para singrar profissionalmente, encurtando assim o horizonte dos rapazes;
- (ii) Casamentos - representam uma etapa lógica e esperada da vida das raparigas. Todo o seu processo de socialização tem em vista prepará-las para serem esposas capazes de cuidar da família e do seu lar. Ao contrário da escola, cujos objectivos e aplicação parecem distantes do quotidiano da rapariga, o casamento pode ser interpretado como uma confirmação da capacidade dos pais de formar membros socialmente úteis e bem integrados na sua comunidade;
- (iii) Gravidez - aliada ao casamento, se revela um dos indicadores da “normalidade” do casal recém formado, confirma o seu estatuto de

adulto, responsável pela sua própria família e satisfaz o sentimento de orgulho dos pais;

- (iv) Trabalho - as expectativas da família em relação à contribuição deste rapaz ou rapariga iniciados e, portanto, considerados já adultos, também mudam fazendo com que estes se sintam pressionados a procurarem trabalho ou a ajudarem em outras actividades de subsistência e de cuidados da casa;
- (v) Recursos financeiros - tanto os pais dos iniciados quanto os rapazes e raparigas iniciados muitas vezes não têm meios para garantir a satisfação das suas necessidades básicas. As raparigas, em particular, necessitam de cuidados especiais e reforçados de higiene para garantir que os odores e as manchas típicos da menstruação não lhes criem embaraços na escola;
- (vi) Distância casa-escola – por se tratar de EPCs, para alguns alunos entrevistados as escolas estão localizadas a uma distância considerável dos seus locais de residência, pelo que é frequente percorrerem quilómetros, por atalhos e vias de acesso precárias para chegarem a escola e retornarem a casa; e
- (vii) Alguns ensinamentos dos ritos de iniciação que contrastam com a postura que se espera do aluno na sala de aulas - as raparigas aprendem que não devem sustentar o olhar de um adulto assim como devem evitar responder-lhe com palavras. A rapariga, ao pôr em prática esses ensinamentos em contexto de sala de aula, pode chocar com algumas exigências colocadas pelas tarefas académicas tais como olhar para o professor

quando estiver a responder a uma questão por ele colocada, colocar dúvidas, etc. Particularmente difícil para os rapazes, é responder à chamada quando os professores usam o nome de registo quando estes já possuem um novo nome, atribuído durante os ritos).

Consistente com o acima exposto, encontramos depoimentos segundo os quais, por exemplo, há alunos que simplesmente “*não querem estudar*” (PROFESSOR – Mamala, Gilé), outros não dão importância à escola alegando que não vêem nenhum benefício dos estudos: “*(...) O que vou apanhar na escola?*” (ALUNA - Tetete, Guruè), preferindo ir trabalhar nas minas, machambas e na caça ao rato. Algumas raparigas “*(...) deixaram de vir à escola [porque] têm marido*” (ALUNA - Mamala, Gilé), ou porque os pais as obrigam a casar. Há raparigas que abandonam a escola “*por causa da gravidez*” como se referiu uma aluna da Escola Primária Completa de Txolo (ALUNA - Chapala, Alto Molocué).

As matronas também são unânimes em afirmar que as raparigas e os rapazes não devem interromper a frequência às aulas mesmo depois de passarem pelos ritos de iniciação. Existe uma percepção de que os ensinamentos que se transmitem nos ritos de iniciação e os que são veiculados por via da educação formal se complementam, daí a necessidade de manter as raparigas e os rapazes na escola como se referiu uma das matronas, por um lado: “*(...) os conselhos da escola e do emwali se complementam*” (MATRONA - Chapala, Alto Molocué). Por outro, a educação formal, é vista como sendo um dos meios através do qual se pode aprender uma profissão. Mais ainda, pela via da educação formal poder-se-ia “*(...) acabar com o analfabetismo*” (Namanda, Ile) e contribuir para o desenvolvimento do país.

Os dados da observação mostram existir

relação, ainda que indirecta, entre os ritos de iniciação, os casamentos prematuros e gravidezes precoces, se tomado em consideração que na sua maioria as raparigas e os rapazes que participam das cerimónias se encontram na faixa etária dos 11 aos 16 anos e parte dos ensinamentos e aconselhamentos que recebem, para além do respeito, da higiene e das lides domésticas, inclui a aprendizagem sobre a forma de ser e estar no lar e de se comportar na intimidade do casamento. As raparigas, por exemplo, aprendem das conselheiras como fazer os movimentos copulatórios através dos movimentos das ancas, cintura e nádegas, e após a demonstração, as iniciandas, acompanhadas pelas respectivas madrinhas, são convidadas a imitar as conselheiras/matronas. Aliada à intimidade do lar, as raparigas aprendem os procedimentos para a limpeza do pénis após o término da relação sexual (como pegar no pénis, como posicionar e mover as mãos, que meio alternativo usar em vez das mãos – o lenço, onde depositar o sémen retirado durante a limpeza, para onde direccionar o olhar durante o processo e como agradecer ao marido).

No fim das cerimónias e de volta às suas comunidades, os relatos dão conta que algumas raparigas e alguns rapazes procuram implementar parte dos ensinamentos, muitas vezes movidos pela curiosidade e vontade de experimentar a sua sexualidade, como se referiu um dos entrevistados quando questionado se os ritos de iniciação contribuem ou não para as raparigas e os rapazes se envolverem em actividades sexuais e se casarem antes de atingir 18 anos, idade permitida por lei:

Contribuem. Contribuem conforme eu disse que as vezes é uma curiosidade. Quando (...) a criança antes de se meter nos ritos de iniciação nem conhece esses assuntos. Mas quando existe algumas proibições, com aquela curiosidade né (...) então [pode] querer experimentar logo (...) usar sexo, logo consequentemente pode se casar cedo,

(...) mas o objectivo lá [nos ritos] não é tão esse (...) (Chapala, Alto Molocué).

Sendo que a rapariga atingiu a idade adulta como resultado da sua passagem pelos ritos de iniciação, pode tomar algumas decisões como, por exemplo, se continua na escola ou arranja um emprego na localidade ou escolhe casar. Ainda que a rapariga opte por estudar, há pais que obrigam as filhas a casar, o que resulta em

(...) casamentos prematuros [porque] os pais depois da EP1 não assumem despesas de continuidade dos estudos. Crianças com dez anos já têm alguém para as casar e os pais encorajam essas práticas” (PROFESSOR - Tetete, Guruè). “Se for um rapaz trabalhador, melhor ainda para os pais porque pode trabalhar na machamba deles para acabar com a fome (PROFESSOR - Tetete, Guruè).

A questão financeira é apontada pelos professores como sendo outra causa do abandono escolar pois alguns alunos têm dificuldades em adquirir uniforme e material escolar, à excepção do livro que é de distribuição gratuita.

No que se refere à falta de motivação de algumas famílias em relação à escolarização dos seus filhos, é referido que os pais “(...) *pouco percebem a importância do ensino*” e, neste contexto, não incentivam os filhos a permanecer na escola (Chapala, Alto Molocué).

O trabalho, como causa de abandono escolar, é apontado por um dos membros do Conselho de Escola, segundo o qual “*os que abandonam é por causa da procura de emprego nas vilas e cidades*” (Mudine, Namarrói).

De entre as práticas dos ritos que constituem causas de abandono escolar, na perspectiva dos professores, notabiliza-se a mudança de nome durante a cerimónia, passando as (os) iniciadas (os) a assumir um novo nome. Consequentemente, no fim das cerimónias, quando de volta à escola,

a(o) aluna(o) recusa-se a ser tratada(o) pelo nome de registo. A escolha do novo nome simboliza a passagem de uma fase da infância para a adulta. Na óptica de Medeiros (2007, p. 249), “o novo nome assinala o estado do adulto social”, e significa, para Alfane (1995, p. 27), “tirar as crianças do seu passado, ou da criança, para incutir-lhes uma personalidade renovada, a de adultos”.

Adicionalmente, há aconselhamentos segundo os quais os jovens, especialmente as raparigas, não devem sustentar o olhar e responder aos adultos, reflectindo a ideia de submissão. Sobre este assunto, Gasperini (1989) escreve que durante toda a infância e nos ritos de iniciação se ensina às raparigas que se devem submeter à vontade do homem, sendo socialmente condenável qualquer atitude de resistência. Esta atitude de submissão recomendada pela comunidade contrasta com o que se espera da(o) aluna(o), resultando numa situação desconfortável para a(o) iniciada(o) como se pode ver na seguinte resposta:

(...). o que leva os rapazes ou as meninas não continuar (...) a escola são os conselhos que lhes dão lá: ‘assim você não pode estar a falar com as pessoas mais velhas’ (...) Então a menina leva aquela toda vergonha para (...) a escola. Chega na escola, está a frente ao professor ou à professora [que lhe pergunta]: ‘menina, tudo bem?’ [A rapariga] só (...) baixa a cabeça. Então (...) a menina acaba abandonando, e vai sentar em casa porque sente vergonha, não pode falar com pessoas mais velhas. Leva aquele mesmo conselho de lá dos ritos de iniciação [para a escola]” (Chapala, Alto Molocué).

Efectivamente, nas observações aos ritos de iniciação notou-se que as raparigas se mantinham cabisbaixas. Por exemplo, a rapariga que ousasse cruzar e sustar o olhar das matronas durante as cerimónias dos ritos de iniciação era catalogada de teimosa, porque a atitude esperada é que ela se mantivesse cabisbaixa e silenciosa.

A generalizar-se esta postura, na escola, por exemplo, as raparigas podem não ter um bom desempenho académico, pois muita informação se lhes pode escapar, uma vez que não podem colocar dúvidas ou mostrar o quanto sabem sobre um determinado conteúdo. Os dados aqui apresentados são confirmados por Osório (2008) quando afirma que os ritos ensinam a submissão aos adultos, o não questionamento às imposições dos mais velhos ou com estatuto superior.

Para reverter a situação, tanto a comunidade (as matronas, mestres-de-cerimónias, líderes comunitários e religiosos) como a escola estão empenhadas em acções para reter os alunos na escola. Por exemplo, as matronas e mestres-de-cerimónia referiram que não faz parte do processo aconselhar as raparigas e os rapazes a deixarem de ir à escola, pelo contrário, *“aconselham a continuar a estudar para amanhã ser funcionário, camponês, professor ou outra profissão”* (Chapala, Alto Molocué).

As direcções das escolas são também mencionadas pelas matronas como sendo entidades que devem velar para que casos de abandono escolar não se verifiquem. Neste contexto, as direcções das escolas devem *“ (...) entrar em contacto com os (...) líderes comunitários. A escola deve levar a lista de alunos inscritos e ver quem não está inscrito para ir de casa em casa e obrigar os pais a inscrever os alunos (...)”* (Mamala, Gilé).

Para garantir uma maior retenção de raparigas e rapazes na escola, os dados colhidos mostram que os professores e as direcções das escolas se envolvem em acções de sensibilização dos pais, encarregados de educação e dos próprios alunos sobre a importância e necessidade da frequência da escola.

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Duas grandes conclusões decorrem deste estudo. Por um lado, os resultados não indicam que haja problemas ligados ao acesso, como consequência da prática dos ritos de iniciação. A tentativa de harmonização do calendário escolar com o calendário dos ritos de iniciação pode estar na origem do facto de a questão do acesso não constituir de todo um problema significativo para as raparigas e os rapazes dos cinco distritos da alta Zambézia, ainda que persistam alguns problemas relativamente à frequência e retenção de alunos. Por outro lado, os dados indicam a existência de vários factores que concorrem para o abandono e insucesso escolar, tais como a motivação dos alunos e das famílias, os casamentos, a gravidez precoce, o trabalho/emprego, os recursos financeiros, a distância casa-escola e vice-versa e algumas práticas dos ritos de iniciação. Deste modo os dados confirmam parcialmente a hipótese colocada segundo a qual os ritos de iniciação influenciam tanto o acesso como a retenção dos alunos na escola.

O estudo recomenda que as autoridades da educação acolham algumas das práticas dos ritos que possam contribuir para a retenção da(o) aluna(o) na escola, como é o caso do uso, na escola, tanto do nome de registo da(o) aluna(o) como o nome que lhe é atribuído nos ritos de iniciação.

Para garantir a comparência dos alunos aos exames, o estudo recomenda também que se reforcem as acções de sensibilização sobre a importância da escola e para a harmonização efectiva dos calendários dos ritos e o calendário escolar, adoptando-se mecanismos precisos de informação entre a escola e as autoridades locais para dar a conhecer as actividades previstas em cada um dos sistemas de educação (educação formal e educação tradicional) de modo a evitar sobreposições.

AGRADECIMENTOS

A equipa de pesquisadores agradece à Oxfam-GB, ao Ministério da Educação, à Direcção Provincial da Educação da Província da Zambézia, aos Serviços Distritais de Educação, Juventude e Tecnologia, aos Governos Distritais, às autoridades administrativas locais, aos Directores das escolas, aos Coordenadores de Zonas de Influência Pedagógica, aos Presidentes dos Conselhos de Escola e Professores, aos mestres-de-cerimónia, matronas, madrinhas, padrinhos, conselheiros, aos intérpretes, aos iniciandos, aos alunos e a todos os que directa ou indirectamente contribuíram para a realização do estudo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALFANE, R. **Ritos de iniciação, igreja católica e poder político: algumas achegas sobre o seu papel na educação não-formal: o caso do Posto Administrativo de Natica.** Maputo: UEM, 1995.

BROWN, J. K. A cross-cultural study of female initiation rites. **American Anthropologist**. v. 65, p. 837-853, 1963.

CHERKAoui, M. **Sociologia da educação.** 2. ed. Sintra: Europa-América, 1986.

CIPIRE, F. **A educação tradicional em Moçambique.** Maputo: EMEDIL, 1996.

COHEN, L.; MANION, L.; MORRISON, K. **Research methods in education.** London: Routledge Falmer, 2000.

COSSA, E.; HOLTMAN, L.; OGUNNIYI, M. and MIKALSEN, Ø. Assessing students' understanding of cell division in an undergraduate biology course: a qualitative perspective. **African Journal of Research in Mathematics, Science and Technology Education**, v. 12, n. 2, p. 17-30, 2008.

CRESWELL, J. **Qualitative inquiry and research design: choosing among five**

traditions. Thousand Oaks: Sage , 1998.

CRESWELL, J.W. **Research design: qualitative, quantitative, and mixed methods approaches.** 2. ed. Thousand Oaks: Sage, 2003.

FORUM MULHER; SARDC WIDSSA. **Para além das desigualdades 2005: A Mulher em Moçambique.** Maputo: Autores, 2006.

GASPERINI, L. **Moçambique: educação e desenvolvimento rural.** Roma: Edizioni Lavoro, 1989.

HOLANDA, A. Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. **Análise Psicológica**, v. 3, n. 24, p. 363-372, 2006.

JUNOD, H. A. **Usos e costumes dos bantu.** Maputo: AHM, 1996.

MAIA, R. L. **Dicionário de sociologia.** Porto: Porto, 2002.

MARIANO, E. **(De)-objectification of the body: the women's subjectivity in the construction of sexuality and sexual health in Mozambique.** European Conference on African Studies, Germany, 2009.

MEDEIROS, E. **Os senhores da floresta: ritos de iniciação dos rapazes macuas e lómués.** Porto: Campos das Letras, 2007.

NEUMAN, W. L. **Social research methods: qualitative and quantitative approaches.** 5th Ed, USA: Pearson Education, 2003.

OSÓRIO, C. **Ritos de Iniciação: Um debate necessário,** 2008. In *Outras Vozes*, nº 22. Disponível em: www.wlsa.org.mz/lib/bulletins/OV22.pdf. Acesso em: 05 de Maio de 2014.

RANGEL, L. H. Da infância ao amadurecimento: uma reflexão sobre rituais de iniciação. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 5, p. 147-151, 1999.

RATILAL, A. B. G. M. **A Sexualidade na adolescência:** valores, atitudes e práticas dos adolescentes e jovens da Cidade de Maputo, 1999. (Tese de Mestrado. Universidade do Porto/Faculdade de Medicina).

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: Métodos e técnicas.** 3^a ed. São Paulo: Atlas, 1999.